



Visado pelo  
Comissão de Censura

# O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 273 • PREÇO 1\$00

## UMA DATA

Eu tinha pedido aos meus três colaboradores, por uma circular, que se lembrassem de mim no dia 29 de Julho por ter chegado naquela data o quarto de século da minha Ordenação. Pedi-lhes a Missa daquele dia. Pedro, foi o que mais precisou e também por quem Jesus mais *pediu*! Eu pedi aos três a Missa daquele dia.

O que feito e assim movido, retirei-me para as Caldas do Gerez. Ia ter ali o dia por minha conta, sózinho, como convém a hora de tamanha intimidade. Ninguém como eu a poderia sentir e viver. Porém aparece o indiscreto. Um jornal do Porto falou. Deu-se a invasão! Ser-me-ia impossível responder a cada mensagem, de tantas, e assim, por esta forma, respondo a todos. Eu acredito e compreendo que a acção social do volume da *Obra da Rua*, é capaz de suscitar muita simpatia pela sua natureza. Acredito. E se a colocamos no seu plano sobrenatural, isso então muito mais. Eis a razão do alvoroço. Um da comunidade de Paço de Sousa, dizia—*nada valeu fugir, estamos todos cheios da sua presença*. Se a minha ausência assim causa presença, que fará a Morte! Ainda hoje existe o ignorante que afirma acabar a Obra com a morte do seu fundador. E eu digo que não. Qual profeta da Nova Lei, eu afirmo que ela começa no dia em que eu morrer. *Estamos todos cheios da sua presença*.

Outro dizia assim numa carta:

«Deus sempre atento às nossas necessidades chamou a Si há 25 anos aquele que vinha a ser nosso Bom Pai.

Estamos portanto em festa, e festejar havemos também as bôdas de Ouro e mesmo as de Diamante. Não importa que o lugar da festa mude pois no Céu a alegria ainda é maior.

Pelos Gaiatos»

Outra afirmação do que acima se diz. Isto não são cartas estudadas. Não são ditadas. Os nossos rapazes têm liberdade de dizer o que sentem quer por cartas quer telegramas. Com este mesmo sentir, vieram telegramas de todas as nossas casas e África também! O que será o dia da minha Morte!

Da cidade do Porto, eram vales telegráficos e no sítio dos remetentes dizia—*Silêncio*.

De maneira que a nossa curiosidade ficou à porta!

Aqui tudo é silêncio; o que me deram em afectos e em moeda corrente. O que Deus nos dá. Tudo. Sendo pois a nossa obra uma coisa diferente, ninguém repara, de tantos e tantos, que eu feche a data com um fervoroso apeto de mão a cada um. E até lá. *No Céu a alegria ainda é maior*.



## Aqui, LISBOA!

Li hoje nos jornais que na Avenida de Roma um senhor arrematou quase todo o terreno posto em praça, à razão de 5.000 escudos o metro. Muitos compradores foram ali para o mesmo fim, mas não estavam à altura. Pobrezitos! «Olha onde eles queriam levantar a tenda...»

A Avenida fica no centro de Alvalade—a cidade moça que, em dez anos, ultrapassou em população e esplendor a terceira cidade do país. Largas avenidas, praças e amplas alamedas, fontes monumentais, fachadas floridas, igrejas modernas, altos arranha-céus, cómodos cinemas, escolas superiores—tudo a última palavra.

Ultima não; que essa é sempre a de Deus. Relembra na igreja de S. João de Deus, vou reproduzi-la aqui.

## AGORA

Aqui de onde me encontro, não tenho elementos para fazer uma precisão, pois não quero receber cartas nem tomar conhecimento de donativos. Mais tarde, sim. No meu regresso e próximo número do famoso, devemos ter muito que ver. Por hoje apenas dois bancos: Sotto Mayor com doze contos e Ultramarino com quarenta e cinco. Apelei para as Direcções e os Directores responderam. No desejo de interessar todos os bancos da cidade na construção do Bairro de Miragaia, também falei no Lisboa & Açores bem como Cupertino de Miranda. Os mais já tinham contribuído. Aqueles não-de contribuir. Tenho anotado as quantias expressamente oferecidas para aquele núcleo de casas e até à data, anda perto, mas ainda não chega aos 300 contos. Faltam outros tantos e mais 200. É o Porto que o tem. É o Porto que nos há-de oferecer. Nós temos de mudar de vistas e de sentimentos. Criar repugnância pelo uso e presença da Barraca. Amar os que moram lá dentro. Vencer a inércia, emendar o perdido. Agora.

Por isso conto voltar aos que já deram. Melhor. Que esses, todos, tornem pelo seu pé, a seu tempo. O mal é profundo e extenso: não se cura num ano. Chamemos-lhe taxa. Chamemos-lhe imposto. O que quiserem, sim, desde que seja a inteligência e boa vontade de cada um.

O mel tira-se todos os anos,—e fica mel. As ovelhas dão a lá todos os anos,—e fica lá. Em Paço de Sousa, de quatro, colhemos sessenta toneladas de batatas e a terra ficou com toda a sua riqueza e vai dar outras tantas no ano que vem. A terra não mente. Os animais não mentem. Mentem os homens,—e que mentir!

Atravessamos presentemente uma hora de medo; mãos a encostar filhos ao peito! Os Dirigentes do mundo actual não escondem os perigos; é ouvi-los! Cada nação é uma fortaleza a fortificar-se cada vez mais. Um bombardeiro custa milhões. E não. Não é assim. É pelos Fracos, pelos Humildes, pelas Crianças.

De cada 3 homens que vivem, 2 passam fome. Fome lenta. Não comem o preciso. Se isto fora por um tempo, haveria a esperança, mas ele é sempre! Os sem abrigo e sem pão já deram fé que é todos os dias e por toda a vida!

Se isto fosse em alguns sítios, havia a explicação, mas é por toda a parte! Fosse um número reduzido, mas não. São legiões. Aqui também há muita miséria; assim começam as cartas diárias que vêm ter às nossas casas. De maneira que muita gente em todos os sítios e para sempre causa a Desproporção. Sem esta não há beleza.

Um dia uns homens sentados numa colina, para além da corrente do Cedron, contemplavam a magnificência de Jerusalém e do templo. A admiração deles correspondia a tristeza de Jesus, profundamente recolhido. «Mestre, olha para aquelas pedras! Que construção maravilhosa!» Ouviram-se os grilos escondidos na relva seca. Depois a voz compassada do Mestre:

—Do que vedes, não ficará pedra sobre pedra! Ai de ti Jerusalém...

Porquê? Porque, pouco depois, na tarde daquela Sexta-feira Santa, a Justiça ia ficar gravemente comprometida. Arrastado para fora da cidade, o Pobre foi suspenso num madeiro. «O seu sangue caiu sobre nós!» Exclamaram eles. E caiu. Os tempos mudam mas os casos repetem-se. Também hoje Cristo, na figura dos pobres, é arrastado para fora da cidade e crucificado em tendas de madeira, miseravelmente levantadas e mais miseravelmente destruídas.

A cidade nova está comprometida. Saiu do lápis dos arquitectos mais afamados. Linhas, materiais, cores, tudo o que há de mais moderno: cálculos, percentagens, economia de espaço, equilíbrio de forças, tudo matemático; mas esqueceu um pormenor: a base é de areia, as paredes mestras de barro... Quem o diz?—O jornal de hoje. O processo de expropriação, a usura da alienação, a exclusão consequente das classes médias (que dizer das pobres?) e eliminação sistemática dos miseráveis, numa palavra—a injustiça. Tudo *arranha-céus* que não ficam pelo décimo segundo andar, mas atravessam as nuvens e chegam ao trono de Deus clamando reparação. A injustiça social é plano inclinado por onde rolam para o abismo as mais poderosas instituições humanas.

Em vão se procura na cidade nova um recanto, um cotovelo—ou um beco que possa vir a ser abrigo de operários ou de economicamente débeis como agora se diz. Nem podia deixar de assim ser. Pois se os nove metros da barraca do Quim (O nosso mais pequenino gaiato) valiam 45 contos... Resultado: a barraca foi destruída, os pais andam por aí, um filho tuberculoso, dois à nossa sombra e nós a mendigar para eles nos templos de Alvalade!!

Dentro de dez anos novas cidades satélites vão surgir na periferia da capital, a menos que se tomem sérias medidas para deter a debandada da província. Que pretendemos nós?



Aqui Alvalade. Gaiolas que valem 45 contos

Que o lápis do architecto ao desenhar as futuras cidades, reserve em cada uma delas, ao menos um bairro para os nossos irmãos pobres e proletários; em cada bairro um quarteirão; em cada quarteirão um prédio e em cada prédio um andar.

Disseminados assim por toda a cidade, os pobres serão um para-raios dos desvarios do mundo. Não poupou o Anjo Exterminador as casas marcadas com o sangue do cordeiro? Mais do que marca, o Pobre é a presença de Cristo no mundo.

Claro que esta doutrina vai ser um escândalo para gregos e troianos; um crime para os técnicos e economistas; um disparate para os estetas e desperdício para os capitalistas. Mas Cristo não morreu pela arte, nem pela economia, nem pela técnica, nem pelo capital, mas sim pelas almas, sobretudo por aquelas que mais com Ele se identificam—as dos Pobres.

\* \* \*

Um muito obrigado a quantos vieram em auxílio da anã. Já temos divã, roupas interiores, e lençóis e fronhas e tudo. Quase um enxoval de noiva. Um precalço imprevisto veio retardar a alegria da pobre: ao sair pela primeira vez da barraca a cambalear, partiu uma perna e baixou ao hospital... Uma desgraça, diz o povo, nunca vem só.

Também o tuberculoso tem andado por boas mãos e vai ser remediada a sua situação a contento de todos. O varredor não foi esquecido. O muito que tem recebido vem confirmar a promessa do Evangelho: dai e dar-se-vos-á.

Padre Adriano



# OUTRA VEZ ÁFRICA

## DOUTRINA

Se à hora do «Gaiato» ainda não, mui breve irão a caminho do Lobito as duas figuras que ora apresentamos; mulher e filho do António Marques Leitão, (Tonió) ao serviço do caminho de ferro.



Clarinda Rita, a mãe.

Dê-se a cada um o que é seu. Não fosse a boa vontade do Ministério do Ultramar, e esta família, outras que já foram, mais que hão-de ir nenhuma teriam ido. O que nos vale, são as cancelas abertas.

Por muito que diga, não digo tudo deste rapaz, que tem sabido esperar e vencer, tão longe da sua pátria e separado dos seus. Era da idade do seu filho, quando um dia me procura em Coimbra que lhe ensinasse a doutrina e desse a Comunhão. Aprendeu, comungou e foi sempre nosso. Oh! vínculo!

Ele mostrou vontade de fazer ir os seus. Mandou documentos. Nós demos as voltas. Pronto. Desde aquela data, os dois, cada um em seu continente, preparam um segundo noivado. Como há de ser belo o encontro, após uma tão dolorosa separação, porque forçada. Que bem lhes não hã-de saber agora as dificuldades dos primeiros tempos; e como este encontro os vai preparar para mais sacrifícios!

Eu não sei se os senhores já se aperceberam do grande mal por aí

fora, com o casamento por retrato. Os jornais espalham-no a mãos cheias; quem chega? Uma desconhecida. Quem vai ela encontrar? Um desconhecido. E depois?



O filho.

Eu ando a ler S. Paulo na 1.<sup>a</sup> Epístola aos Coríntios. E também tenho visto em um diário do Porto certas perguntas, de vários modos repetidas, no género de: «porque não seguem todos os Padres a doutrina do P.<sup>e</sup> Américo?»

Os homens verdadeiramente grandes só o são porque se esvaziaram de si mesmos e, livremente, se deixaram mover pelos impulsos do Espírito de Deus.

Um Padre não tem doutrina sua. O seu sacerdócio é o de Cristo. Sua doutrina a dEle. O Pai Américo não tem doutrina. A sua novidade consiste, mesmo, em pregar o Evangelho com a menor intromissão possível de elementos humanos. Fala-se hoje muito em encontrar para todas as situações da vida um caso de Evangelho. Este encontro é um dos seus talentos, uma das formas da sua modernidade. Afinal, um regresso à Fonte, àquilo que Cristo Jesus disse e fez naquele tempo, e mais nada.

Portanto, Doutrina é uma só, porque é um só o Espírito que a dita. A missão de cada Padre é que é diversa e portanto também as graças são diferentes. É S. Paulo quem o diz no capítulo XII daquela Epístola: «A um é dada pelo Espírito Santo a palavra de sabedoria; a outro a palavra de ciência; a outro uma confiança extraordinária; a outro a graça de curar doenças; a outro o dom de fazer milagres; a outro a profecia... Porém, é só um e o mesmo Espírito que produz todos estes dons, dando a cada um conforme quer».

Pai Américo tem o dom da sabedoria, o da confiança extraordinária... Outros terão dons diferentes, aqueles que o Senhor lhes quis dar. E a perfeição exige-lhes mais fidelidade no uso desses dons que são as marcas do seu caminho.

Voltemos ao Apóstolo: «O olho não pode dizer à mão: — Não necessito do teu préstimo. Nem a cabeça pode dizer aos pés: — Não preciso de vós. O corpo não é um só membro, mas um conjunto de muitos. E todos são necessários».

S. Paulo estabelecendo a doutrina do *Corpo Místico* de Cristo, ensinou de uma vez para sempre que o Espírito sopra aonde quer e como quer, e nenhum dos Seus sopros é inútil.

De todos os homens que existiram e hão-de existir, só Jesus foi o Homem completo. Os outros são perfeitos à imitação das Suas perfeições. Os Santos são para nós preciosas ilustrações de como é possível a um homem realizar uma semelhança de Cristo, agradável ao Pai Celeste. Eles realizam uma semelhança da Sua Caridade para com os Pobres e os Sofredores, ou do Seu amor à Verdade, ou da Sua ansia de Justiça... São especialistas de certas virtudes cristãs. A síntese de todas, só em Cristo.

A definição de Deus é Caridade. E a Caridade de muitas maneiras se manifesta. Não só no socorro aos Pobres.

O Padre é um profissional da Caridade. Mas como é homem, um ser limitado, não pode viver toda a Caridade de Deus, que é infinita. Deus bem o sabe. É por isso chama à santificação: um

(Continua na quarta página)

## CANTINHO DOS RAPAZES

«É a vós meus irmãos — que o sois perante Deus — que vos escrevo, narrando-vos aquilo que o meu coração jamais poderia esconder. Falo-vos duma cela, em que até as paredes me encham de amarguras e onde os meus pensamentos, através do silêncio que domina aqui dentro, vão todos para vós e para aquela que a Divina Providência quis que eu lhe chamasse mãe. Mãe!...

Que nome tão doce e tão lindo. Escreve-se com três letras a que nós poderíamos dar um significado e teríamos em vez de mãe, — «Minha Amada Eterna». Isto cada um para si; porque se fossemos todos a uma, teríamos de empregar o pronome possessivo — Nossa —. Este Nossa com maiúscula é a Virgem Maria. Aquela que tanto é mãe do rico como do pobre; do ignorante como do sábio; do preso como daquele que gosa a liberdade. Aqui no meio destas quatro paredes da desventura, é a Ela que chamo nos meus

segredos, para que me seja aliviado este sofrer de cativo.

Quero dizer a cada um de vós, aquilo que me leva ao termo do sofrimento. Primeiro: sofro por fazer sofrer Aqueles que só devia regozijar quando este espírito saísse dessa, que hoje tenho vergonha de não poder chamar nossa, — como dantes —. Obra que eu tanto amo e que desejaria abraçar. Este — «Aqueles» — sois vós, o Pai, e todos os que são e fazem com que amanhã não haja prisões.

Sim. Para que as prisões não sejam amanhã vossas, como hoje são minhas, é preciso que vós sejais aquilo que a «Casa do Gaiato» exige de vós. Nunca queirais gozar a liberdade mais do que aquela que aí tendes, porque senão sereis outro (eu).

Segundo: sofro por ter caído aqui e ter desonrado o nome dessa tão querida «Obra».

Terceiro: sofro por deixar quase desamparada a minha Mãe. Eu, ainda que ausente dela — já há um

ano e tal — eu murmuro baixinho este nome tão doce e tão sublime, para ver se Deus ouve melhor as minhas súplicas desamparadas.

Não será preciso dizer-vos mais porque sofro.

Peço-vos, para que a «Casa do Gaiato» seja como foi muito tempo, aquela acolhedora mãe, seja agora a minha madrinha de cativo, dando-me de vez em quando conforto por intermédio das letras. Como aquelas que uma Mãe possa dar a um filho desafortunado, e que sofre.

Sem mais beijai a mão daquele que eu ainda lhe posso chamar Pai, beijai e saboreai por mim esse beijo que eu gostaria de dar, e a Vós desejo mais Felicidades do que as que eu tive.»

O pregador tem especial autoridade. Foi vosso companheiro durante muitos anos. Foi-lhe dado o que a todos vós tem sido dado. Era livre. Preferiu perder-se.

A sua linda carta é um farol. Ele é um experimentado. Fala de dores que conhece e quer que nenhum de vós venha a conhecer. Escutai a sua lição.

Depois, ela é uma afirmação de como o espírito não morre, mesmo no homem que pecou. Esta carta é uma mensagem espiritual. A semente boa que ele não deixou crescer em sua alma, ainda lá está, viva, e agora se nos manifesta.

Deus é Pai. Ele «não quer a morte do pecador, mas sim que se converta e viva». Um verdadeiro arrependimento e Ele não nega o seu perdão. Ainda no derradeiro momento, depois de uma vida inteira de miséria!

Escutai o aviso do vosso companheiro e agradecei-lho, pedindo por ele diante de Deus.

Padre Carlos

A. J.

## Crónica da Senhora da Piedade

Também eu sou um dos que foram às Colónias para «tomar conta».

Cheguei há pouco de Coimbra, onde a automotora foi pôr os do primeiro turno. Pelo caminho uenos alegria que à vinda. Quase todos queriam ficar, apesar das saudades. É que voltavam à barraca suja e aos farrapos depois de vinte dias cheios na Senhora da Piedade, bem dormidos entre dois lençóis, bem agasalhados e bem nutridos. Habituar-se a comer bem e de tudo, quatro vezes ao dia. Era uma beleza vê-los comer. E na Estação Nova ouvi a algumas mães que foram esperá-los: Ai meu filho, que vens tão gordinho! Sei lá, era a água, eram os ares, era a companhia, era tudo.

Aprendi algumas das misérias do garoto das ruas. Mas tanta grandeza, meu Deus!

Crianças ainda, mas já marcados pelas «virtualidades» do meio. Ante ontem o Cruzeiro partiu um vidro. Logo os da Camarata reuniram-se e cada um deu \$50. Tudo muito espontâneo e natural. A solidiedade que só encontramos nas classes menos favorecidas...

Regressavam tristes e não obedeciam à batuta, entusiasmada, do Alberto. Adivinha porquê.

O Casimiro andava há 15 dias a juntar todas as cêdeas que descobria, que era para levar à mãe.

— Mas não vês que ao irmos embora já estão muito duras?

— Não interessa, ela mesmo assim as quer.

Num dos últimos dias houve azeite a merenda. E o Carlitos, de 5 anos, um desses que nestas alturas saudáveis ganhou bochechas, cor e optimismo, comeu uma e guardou as outras num saquinho onde trazia o luxo que não era de todos, umas segundas calças esfarrapadas. «São para levar à minha mãe!»

Coitadito, teve pouca sorte, que outros soubessem e durante a sesta foram lambê-lhas. Mas a lição continua de pé.

As horas amargas também não faltam, graças a Deus. Nem tudo são rosas e ar puro. Não há grande poesia no assoar um garoto sujo e ranhoso. E alguns tinhamos nós de os ensinar a lavar-se. E todos os dias nos levavam tempo sem conta os curativos que pouco remediavam, por via do sangue fraco herdado de pais alcoólicos ou tuberculosos.

E no fim de tudo quase chegamos a sentir a responsabilidade por eles voltarem ao lixo e à miséria, lá para os lados da Estação Velha, a regiões onde o ar não é puro e onde se come uma vez por dia.

Sentimos a angústia e a responsabilidade. Somos dos que aceitam e utilizam uma civilização que, pelos nossos pecados, produz aberrações destas.



## As Bodas de Prata sacerdotais

### do Pai Américo

Há-de ficar gravada a letras de ouro na história da Obra da Rua, esta data festiva que atravessamos, as Bodas de Prata Sacerdotais do Pai Américo, tão querido de nós seus filhos, de Portugal e uma das grandes esperanças do Mundo Católico, que tem os olhos postos na nossa obra, da qual imitam as suas acções que consideram exemplares. Não admira. A obra é de Deus e para Deus, sendo favorecida a Humanidade. Infelizmente o sacerdote não é compreendido, porque se o fosse, em vez de guerra sangrenta, de ódios, teríamos o Amor do Próximo! Assim, vivemos mergulhados na mentira, na podridão, crucificando Aquele que pela nossa ingratidão morreu num humilde madeiro no Monte Calvário, perante a dor de Sua e nossa Mãe Maria Santíssima e está sempre feito vítima imolada, para nos resgatar das terríveis garras do pecado. Está constantemente alerta, como o Pai do filho Pródigo de que nos fala o Evangelho, que todos os dias olhava o caminho que seu filho tinha seguido, na esperança de o ver de novo perto de si, junto do seu coração de Pai, capaz de fazer todos os sacrifícios, pelo filho que tanto amava, apesar de este lhe pagar o Amor com ingratidão!

Gastou toda a sua fortuna. Os Amigos acabaram-se. Mas não se apagou na alma daquele Pai a luz a que chamamos Esperança. O Pai do Céu, aquele a quem o mar e os ventos obedecem, é muito mais. Não se podem fazer comparações. Diante da Sua Figura, que todos os livros do mundo não bastariam para exaltar, se não tivéssemos em nós algo de sobrenatural, que nos é dado por Ele, pereceríamos. Ficáramos reduzidos ao nada de que fomos tirados.

Como nada se faz sem o Criador, a família desta comunidade de Paço de Sousa rodeou o Seu Altar, onde agradeceu todos os benefícios recebidos por intermédio do Pai Américo. A missa foi muito linda. Foi cantada pelo nosso grupo coral, comandado, como sempre, pelo Sejaquim.

Como foi feriado na Aldeia, por ordem do Snr. Padre Carlos, assistiram também todos os trabalhadores.

Ao ofertório, alguns dos nossos irmãos aproximaram-se do altar, para levarem o Pão e o Vinho que depois foram consagrados, passando a ser Deus Verdadeiro, tão real e perfeitamente como está nos Céus e os propósitos que cada um escreveu num papelzinho e depois foram recolhidos numa bandeja. A Comunhão abeiraram-se da Mesa Eucarística, onde se alimentaram para a Vida, os nossos irmãos e os trabalhadores, pelas intenções do Pai Américo, para que Deus abençoe os desígnios da nossa Obra.

A Santa Missa foi celebrada pelo Rev.<sup>mo</sup> Senhor Padre Francisco, irmão do Senhor Padre Adriano e amigo do Pai Américo desde os seus tempos de seminarista. Ao Evangelho fez uma prática lindíssima, própria da solenidade do acto. Com os cânticos e orações finais, terminou a Santa Missa que por muitos anos perdurará na nossa memória e maior seria a nossa alegria se daqui por 25 anos fôssemos os mesmos a celebrar as Bodas de Ouro do Pai Américo!!!

Em seguida fomos para o refeitório onde nos foi servido o café com sêmea e doce. Os trabalha-

dores também comeram connosco partilhando a nossa grande satisfação e alegria, e assim passamos uns bons momentos de convívio espiritual.

Depois brincámos até às 13 horas, a que foi o almoço e que constou de: Caldo de repolho, arroz com carne, pão de ló, aletria, vinho e fruta colhida na nossa quinta. Reinou sempre a maior alegria e boa disposição em toda a malta, excepto este vosso amigo, que anda com os fígados às voltas...

No fim do almoço, falou o Rev.<sup>mo</sup> Senhor Doutor Avelino Soares, grande amigo da nossa Obra desde o seu começo, que nunca falta a estas manifestações, quer de carácter exterior, quer íntimo, o qual nos fez entoar a todos um entusiástico viva ao Pai Américo e brindou pela sua saúde, assim como toda a comunidade.

Depois cada um teve a tarde por sua conta: uns foram ao banho ao rio Sousa, outros jogar a bola, outros, passear pela freguesia, etc.

As sete horas tocou a sineta para um jantar levezinho, pois tínhamos comido muito ao meio dia e podia-nos fazer mal. À noite rezámos o nosso terço com o SS.<sup>mo</sup> exposto e com cânticos de permissão com os mistérios executados com grande aprumo pelos nossos companheiros do orfeão. O terço foi recitado pelo Rev.<sup>mo</sup> Senhor Padre Francisco, que também deu a bênção.

Para fechar a festa, tivemos a felicidade de ouvir algumas passagens do Evangelho e de exaltação ao Pai Américo, que renegou os Prazeres do Mundo e se dedicou aos presos, doentes, incuráveis a viver em bairros de lata, casas de folhas de árvores e em aquedutos, donde arranca humildes rapaziños que são a repugnância da sociedade, e os traz para este Santuário de Almas que é a Casa do Gaiato — a mãe dos pobres de Portugal. A atestar esta verdade, está o formigueiro deles que todos os dias e de todos os lados aqui chegam, apesar de Paço de Sousa não estar no mapa.

A Obra da Rua é pioneira do bem. É capaz de tudo. Quando há força do Alto, há tudo.

Acorda as consciências, entra dentro dos corações por mais duros que sejam, diz bem a todo o Mundo que a Caridade não é uma palavra vã e que só com ela podemos concretizar o máximo das nossas aspirações de católicos — alcançar o Paraíso!

Há vinte e cinco anos que o Pai Américo se dedicou à santa missão do Sacerdócio. E ser-se sacerdote é muito difícil, principalmente na hora que passa. O sacerdote é o mais procurado e o mais evitado; o mais amado e o mais odiado. Leva o sinal de Cristo: alvo de contradição. Amigos: colaborem com o Pai Américo, com todos os padres da rua, para que a nossa obra continue espalhando pelo Mundo a chama do Evangelho. O Mundo tem os olhos postos em nós e por isso devemos corresponder. Se assim não acontecer, atraindo-nos a nossa missão.

Se nós colaborarmos com os padres da rua, seremos uma verdadeira família. Punhamos os olhos na Família de Nazaré. É da família que Deus faz depender a

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

A inquietação produzida pela obra das casas para pobres, é hoje a «febre» dos portugueses. No dia de Santiago a nossa presença foi reclamada para vários lugares do País, aonde o assunto era casas do Património. Não me tendo sido possível comparecer em todos, fui, sim, aonde se me afigurou mais preciso. Cantanhede era a primeira pedra. O plano do Bairro Vicentino, encontra-se no salão paroquial. São vinte moradias com terreno para a horta. O lugar fica a dois passos da vila, aonde já existe um frizo de casas pequeninas, sistema auto-construção e ocupadas por trabalhadores. Dizem bem ali as do Património. Houve o cuidado de deixar uma data de oliveiras, o que tudo empresta beleza e mostra piedade. Pároco e Vicentinos são ali unha e carne. Não nos admiramos, por isso, que no próximo Natal haja casas do Património ao uso dos Pobres de Cantanhede. Um Senhor da vila fez entrega de muitas dezenas de contos e outros, se não tanto, também querem oferecer. Na igreja, teve lugar a reunião dos Vicentinos. Eu tenho que não há no mundo assembleias aonde mais e melhor se diga. É o heroísmo do visitador a falar do heroísmo dos seus visitados. Muito me foi dado aprender naquela hora, sobretudo quando um se levanta e informa que vai todos os dias um confrade visitar o Santíssimo Sacramento na igreja paroquial, a bem da conferência! É um camponês que assim falou. Trata-se de uma freguesia rural. Se não estou em erro, foi o P.<sup>e</sup> Mário Brito quem a fundou e hoje, P.<sup>e</sup> Rumor tem feito dela a obra da sua paróquia, — freguesia de Cadima. Eram 7 horas da tarde e urgia partir em direcção à Murtosa. Ali há muito dinheiro congelado. Não é fácil. Só o calor é capaz de operar o degelo. Eu assoprei a uma assembleia muito reduzida. Espera-se que o senhor Reitor sobre no altar, à estação da Missa. O Coração de Jesus ainda é *Fornalha Ardente de Caridade*.

Juntemos à boa vontade dos Vicentinos, umas nesgas de terrenos já oferecidos, uns 20 contos em caixa, muitos pobres em extrema necessidade. Acrescente-se a palavra e o tom de Amadeu Récio, hoje gaiato, que no palco se dirigiu aos presentes a pedir casas para abrigar os que por lá andam, como ele dantes andava! Saiba-se, ainda, que tudo isto foi gravado e vai ser escutado na América. Vire-se tudo de um lado e doutro. Agite-se bem. Pondere-se. Torne-se a ponderar. Resultado? Casas na Murtosa. Mais nada.

O incêndio do Porto não é só dentro da cidade; não é. Já lavra

salvação dos povos. É daí que se forjam os mártires, os santos, que são a glória da civilização.

O Pai Américo foi para o Gerez retemperar energias, mas também para fugir, pois não gosta que lhe façam festas e ele gosta muito de as fazer aos outros.

Assim, celebrou ele as bodas de prata numa humilde capelinha do Gerez, no meio do maior silêncio. É no silêncio que se fazem as grandes coisas. É no silêncio que os poetas fazem os melhores hinos à natureza onde em cada peça se vê e sente o Criador!

Daniel Borges da Silva

em redor. Aguas Santas, Madalena, Rio Tinto, Ermezinde, Valadares e agora Gulpilhares. Esteve aqui ontem o pároco e um paroquiano; o do terreno. Nunca se viu tanta facilidade em dispensar terrenos! Conversamos. Eles esperavam que eu fosse longe, mas não. Fiquei em pouco. Enquanto passava o cheque, entra a notícia de 60 deles para o fundo do Património. O meu colega já sabia que é assim, mas gostou de ver com os seus olhos, e eu que ele tivesse visto. Retirou-se com mais certeza, mais coragem. Pode dizer que viu Jesus! Pregaram milagres. Ergueram casas. Nestas freguesias de imensas populações, existem famílias embaraçadas por grandes fortunas, sem saberem de como sair delas. Eis aqui. Uma palavra amiga do seu pároco, cristã, convincente, alivia o seu paroquiano. Mais amizade. Mais aproximação. Mais cristandade. Deus abre-lhe a porta e manda-o entrar para o que é Seu! Isto é doutrina de sabor eterno. Não tenhamos medo de pregar.

As primeiras casas de Cantanhede, foram assim obtidas. Quam feliz o Senhor que as dá e quam feliz quem o persuadiu! De sorte que, por tudo o mais e também por esta forma de levar Cristo às almas, o Património dos Pobres é hoje a febre dos Portugueses.

## UMA CARTA

Em primeiro lugar desejo-lhe bom estado de saúde e felicidades ao Pai Américo e ao íntimo amigo António Sérgio, pois por cá corre tudo muito bem graças a Deus.

Pai Américo. Hoje mesmo às 10 horas acabamos de arrancar o campo do motor; antes já fazia conta de lhe escrever mas aproveitando a ocasião foi mesmo agora. O campo que eu falo deu um total de 295 cestos. Que diz Pai Américo a isto? Já vamos a caminho das 30 toneladas faltando apenas 200kg. Pai Américo, faz hoje 8 dias que foi a nossa malha do centeio, e falando a sério tivemos um dia de intenso trabalho. Ainda não foi medido mas pode-se dizer que não chega a dois carros dele. Os três homens continuam arrancar com força e já começaram do S. João pra diante. Já se fala na panela das batatas cozidas com bacalhau. Como o Pai Américo sabe foi bem festejado o dia 29 ou seja 25 anos de sacerdócio. Houve festa portanto comemoração das bodas de Prata e oxalá que chegassemos a fazer as de ouro, e portanto temos de pedir muito a Deus para tal fim. Ao jantar fez uso da palavra o muito conhecido Snr. Doutor Avelino Soares. Findo o discurso deu-se um viva entusiástico ao Pai Américo. Podia fazer mais comentários sobre a festa mas não vale a pena.

Agora só queremos é que venha muito satisfeito e que ao para cá tenha uma viagem assombrosa.

Pai Américo estou a escrever muito desanimado. A caneta não presta para nada e o Snr. há-de dizer que eu é que não sei escrever. A minha caligrafia não é esta. Mas paciência.

Desculpe de ir mal escrito pois a minha habilidade é pouca.

Receba um abraço deste filho seu Zé da Arouca.

(Continua na pág. seguinte)



## VISTAS DE DENTRO

Passa um pedacito ia meia noite. A partida que o Daniel conta em outro lugar atrazou a saída do jornal.

Na sala da expedição, Manuel *Coco* dirige as operações. A sua turma, recrutada em todas as *classes profissionais* da nossa aldeia, trabalha afanosamente. De vez em quando Manel levanta um pouco a voz e o silêncio restabelece-se entre a malta. Uns dobram os jornais; outros preparam os maços que o *Coco* vai endereçando na maquina manual—que espera a chegada de outra eléctrica para obter reforma; outros vão selando e arrumando os jornais por terras de destino. Em cima das mesas há bocados de boroa. O serão não se decidiu, sem que a Senhora desse pão e peras para uma ceia-zita bem merecida. Contudo, as peras já se foram há muito; restam pedaços de boroa começados a trincar.

Lá em baixo Juvelino e Manuel *das Eirinhas* vão tirando os jornais na máquina grande, que ronca como o mar. Quando entrei eles estavam cantando a «Rosinha dos Limões», na perspectiva de umas boas resmas ainda por tirar e retirar.

Estes rapazes são a fama do «Famoso». Ninguém de fora, só

eles! Quarenta mil exemplares sob olhos sedentos de sei lá quantos mil leitores! Não é o que se diz que desperta esta sede. São eles a compor, a imprimir, a enviar. É esta nossa verdade sem pintura, de calças remendadas e fralda de fora. É este zelo humilde, desconhecido deles próprios, que os tem à meia noite, depois de um dia de trabalho, tirando jornais com acompanhamento dum cantiguinha em voga, ou expedindo-os sob a regência duma voz que não precisa de ser autoritária para ser autorizada.

É uma vista da Casa que os visitantes não vêem, nem os fotógrafos retratam. É uma das mais lindas, porque feita de virtudes interiores: de renúncia, de dedicação, de personalidade. Eu não os mandei seroar. Apenas consenti e venho por entre eles travar entusiasmos. São momentos de rosas, sem picadelas nos espinhos. Louvado Deus por estes instantes.

Isto não é tudo, não é só, é mesmo muito pouco dos frutos que nos esforçamos por colher. Mas eu pergunto: de que maneira, por que métodos, se pode ir ao mais, com rapazes desta massa, sem passar por este menos? E pergunto: onde, na sociedadezinha (mesmo de gente bem) em que vivemos, se trabalha à meia noite, após um dia de labor, sem imposição ou interesse de lucro?

Decididamente, os nossos rapazes ainda não são os últimos da fileira reduzida dos homens espirituais.

Padre Carlos

## DOUTRINA

Continuação da segunda página

Vicente de Paulo, pelo amor dos Pobres; um Francisco Xavier, pelo amor dos pagãos; um Tomás de Aquino pelo amor à Verdade... Uma única constante em todos estes caminhos: o amor. E como o homem não é capaz do Amor com letra grande, Deus reparte o Amor em amores e põe cada um deste no coração dos Seus escolhidos.

Cada Padre é um escolhido. Tem no seu coração o seu amor. Tem de realizar esse e não outro. Esse, que Deus lhe pôs no coração!

Pai Américo foi chamado para se gastar no amor dos Pobres. Outros foram chamados a consumir-se em outros sacrifícios. Não têm de ser todos como o Pai Américo. Não devem ser todos como ele. «Se todo o corpo fôsse vista, onde estaria o ouvido? Se todo fôsse ouvido, onde estaria o olfacto? Se todos os membros fôsem um só membro, onde estaria o corpo?»

Aqueles que julgam engrandecer o Pai Américo querendo-o modelo único de todo o clero, enganam-se. A sua grandeza não está em ser total, mas sim parcela. Não está em ser a máquina, mas uma peça.

Os homens verdadeiramente grandes, são-no porque se esvaziaram de si mesmos e se têm por nada, para que Deus seja Tudo neles.

Padre Carlos

## PELAS CASAS DO GAIATO

**LAR DE LISBOA** Os senhores saibam que o nosso Lar ainda não morreu. Aqui venho eu a piar. A primeira novidade é que eu vou vender o Gaiato a toda a parte. Vou a Cascais, à Parede, que é a minha terra, vou às companhias e aos Ministérios. Um dia destes fui a um Ministério e um Senhor mandou-me chamar. Entrei e falei com esse senhor que me perguntou coisas da nossa casa e da nossa obra. Comprou-me o gaiato, mandou saudades para os gaiatos todos e vi-me embora. Quando cá cheguei fora, um outro Senhor perguntou-me se eu sabia com quem tinha estado a falar. Eu disse que não. Pois fica sabendo que foi com o Senhor Ministro das Obras Públicas.

—A venda do nosso jornal está agora a chegar aos 3.000. Todos os domingos vem o Pedro com a furgonete com uma camada de rapazes do Tojal e nós os do Lar espalhámos pela cidade, e é ver quem vende mais. O Pedro vai vigiar e leva-nos aos pontos onde se pode vender melhor. Não descansamos enquanto não chegarmos aos 5.000 para empatar com o Porto.

Andamos agora a tratar das matrículas nas escolas. Quase todos querem continuar a estudar. Eu, o Gandi e o Martins vamos para o curso comercial nocturno. O Cascais vai frequentar o diurno e o Jorge o curso industrial. Têm-nos pedido mais rapazes para empregos, mas não chegam os rapazes. Há pessoas que vêm ao nosso Lar trazer roupas, remédios e donativos, o que muito agradecemos. Também agradecia que se lembrassem da nossa conferência. Temos muitos subscritores, mas os pobres são cada vez mais!

António Henriques Diogo

**LAR DO PORTO** Esteve há pouco tempo entre nós o Senhor Pá-roco da Lousã, que veio passar umas férias junto dos Gaiatos. Depois de uma palestra cristã entre nós, disse que estava muito contente com todos. E que considerava esta Obra, uma obra cristã. Disse também durante a palestra um caso da Sagrada Escritura: Numa vez em que Jesus depois dum dia sempre a pregar estava muito cansado, e as crianças foram para o pé Dele, os apóstolos logo disseram para se retirarem que o Divino Mestre estava muito cansado. Mas Nosso Senhor logo lhes disse: Deixai vir a mim as crianças porque delas é o reino dos Céus. E precisamente Deus também quis que alguém fundasse esta Obra, para recolher as crianças abandonadas e para as saciar da fome, e para de hoje para amanhã sermos os homens de que a sociedade precisa. E assim se pode dizer que esta foi fundada para o mundo não ter tanta miséria como tem.

—Os nossos agradecimentos vão hoje até à Casa David que se dignou mandar para cá 6 bons casacos que vieram fazer bom jeito a alguns dos nossos rapazes que andavam um pouco necessitados. São agora muito bons para o verão, são bonitos e frescos. Um muito obrigado amigos.

João de Buarcos

**TOJAL** Estamos na época dos grilos. Hoje em todo o recinto em que nos encontramos só se ouvem grilos. Desde o maior dos médios ao menor dos batatas todos têm uma caixinha com um ou dois grilos. É como se fosse um objecto de grande valor. O grilo acompanha-os a todo o lado. É na doutrina, é no terço e no refeitório, sempre se ouve o gri-gri. Quando se vão deitar, lá vai o grilo, enquanto está alguém acordado não se ouvem, mas passado algum tempo, lá começam eles gri... gri... gri... vem um e diz: «se eu agarrar um grilo, atiro-o pela janela fora», mas isso não acontece. O Risonho pequeno, em vez de grilos, era um pássaro. Foi ao passeio com ele no bolso, e assistiu à missa também. Ia-se ao meio da missa... terri... terri... Depois houve alguém que o tirou e o deitou à vida. Este que estava risonho, logo se pôs triste.

—O Natalino que é o administrador do clube dos nossos jogadores, queixa-se que a bola está rota, tanta por fora como dentro. Ele é sapateiro, dá-lhe pontos e torna a dar, mas já não há onde pontear. Ele pede aos nossos amigos leitores que nos enviem uma, o que muito agradecemos.

—A nossa nova eira já começou a servir. Tem-se lá juntado o milho e vão para lá os batatas descamisar as espigas. Para ficar pronta só faltam umas poucas de telhas e cimentar a base. Parece um castelo de fadas, como os que temos nos livros de escola.

—Os bois andam a acarretar o trigo para a eira dum senhor que é muito nosso amigo. Só ele é que tem máquinas para debulhar e enfiar, e faz-nos quase de graça. Há sempre gente boa que nos ajuda.

—Está a funcionar a colónia de férias, que é como todos sabem em S. Julião da Ericeira. Já lá estão 23 rapazes e em breve serão substituídos por outros. A nossa furgonete é que faz os transportes. Estão a dirigi-la dois seminaristas do Seminário dos Olivais. Já recebemos alguns fatos de banho, dos que pedimos no número anterior, mas ainda não chegam e assim voltamos a relembrar. Por todos queremos ir para a praia, ao mesmo tempo, há palpites e zangas, só se diz à última hora quem vai.

Joaquim A. Gouveia Marques

**PAÇO DE SOUSA** Como o Pai Américo celebrou as Bodas de Prata sacerdotais no dia 29 do mês findo, a malta resolveu pregar-lhe uma partidinha que ele nos vai desculpar, pois sabe muito bem quanto nós o estimamos. Trocamos o artigo de fundo, pelo da sua missa nova, inserto no jornal dos seminaristas de Coimbra, «Lume Novo», depois do Pai Américo ter deixado o «melhor do mundo» paginado.

Pai Américo, não deite as culpas aos rapazes da Tipografia porque todos colaboramos e com muito gosto, na armadilha!

Agora temos a desejar que passe bem no justo repouso onde se encontra. Isto aqui corre da melhor maneira.

Estamos todos gozando de boa saúde incluindo também os batatas, os rapazes que vieram de novo já se sentem bem e não pensam sequer em ir embora, a família das galinhas ainda se encontra completa, a dos cevados e também os bois. Continuam a haver trocas de fruta, boroa, etc. Enfim, continua a a ser a Casa do Gaiato!...

A nossa família já engrossou com mais dois rapazes: um de S. Félix da Marinha que passa a trabalhar na lenha e a que nós baptizámos de «Chasco» e o outro de Braga que trabalha no refeitório e se «colar», passará a chamar-se o «Zé das Faturas».

Tanto um como outro são muito espertos, já mostraram desejos de se ir embora, mas isto é só ao primeiro, porque depois de se integrarem na nossa maneira de educar, não querem ir embora por dinheiro nenhum...

O Figueira que é um dos batatas e que ainda aqui está há pouco mais de dois meses, é o benjamim cá da casa. Todos querem andar com ele ao colo, pelas mãos, passear, brincar, etc. Este, por sua vez, já inventou uma maneira muito curiosa para levar os colegas ao «cebo»: o pá, dá-me esse carrinho que eu sou o teu maior amigo; esse boneco, que gosta muito de ti; e assim por aí além...

Quando vêm alguém a comer muda de processo e dá rendimento: aí coisa, tenho já febre... Isto é muito interessante, mas é só dito por ele, mais ninguém...

Daniel Borges da Silva

## Póvoa de Varzim

Deixei Viana. Viana dos meus amigos, Viana que nunca mais poderei esquecer. Fui à Póvoa. A Póvoa parece ser mais divertida. Como foi a primeira vez e é de verão, parece mais alegre e cheia de trânsito.

Comecei a vender pela 8,30 da manhã. Estava muito vento e frio.

A manhã passou e dirigi-me para a casa do Sr. António Nunes, que já estava de braços abertos para me receber. Fui bem recebido e saí de casa deste senhor muito bem disposto. A este senhor muito obrigado e até à próxima quinzena se Deus quiser.

Eram 3 horas e ainda me restavam alguns jornais; então dirigi-me ao «Póvoa Cine» para ver o cinema e também para vender, mas tive que me dirigir ao patrão que não me deixou acabar de falar e disse que o cinema era meu. O quê? Um cinema meu? Quando acabou o cinema e eu vinha agradecer ao patrão, ele mandou-me sentar e pôs na minha frente uma apetitosa merenda. Eu queria agradecer-lhe do cinema e ele agradece-me com uma merenda! Parece mentira, pois parece? Olhem que é verdade! A este senhor muito obrigado.

Chegado o Hélio de Viana, fui-lhe perguntar se ele trazia a lagosta. Disse que sim! Sabia que o Pai Américo ficava contente mas mais contente ficava eu porque a seu lado ajudava a comer a lagosta.

Mas não foram só duas bocas a comer. Foram três: Pai Américo, Sr. Padre Carlos e eu. Ai que delícia! A primeira foi comida pelos senhores e eu fiquei a ver balões... e esta comi-a eu e os senhores ficaram a ver balõesinhos...

O Pai Américo não me disse, mas notei que a lagosta lhe agradou porque estava a comer e a rir-se. Quanto ao Sr. Padre Carlos, ele que me desculpe, mas de vez em quando eu via-o lambem os dedos... Quanto a mim não digo nada. Só digo que me soube muito bem.

Senhor José de Melo, muito obrigado pela lagosta que nós ficamos a chorar por mais.

António Martins (Papagaio)

## A venda do «Famoso» em Aveiro

Como não é do conhecimento dos nossos amigos venho dizer que já não vou ao sábado para Aveiro visto não ter agora quem me dê hospedagem. A senhora que me acolhia sempre amavelmente não pode agora contar comigo. E, por isso, venho apelar para toda a boa gente de Aveiro a ver se alguém tem uma mesa e uma cama a mais que me possa receber duas vezes por mês visto o nosso jornal ser quinzenal e sair duas vezes por mês. A mim só me convinha ao menos no verão, para ir cedo à Costa Nova onde se vende maravilhosamente, e eu indo no comboio só chego a esta linda praia perto do meio dia, portanto a estas horas já não há nenhuma Missa e nestas é quando se vende mais. Agradeça pois que alguém possa fazer este grande favor e acuse recepção pelo correio para na próxima vez ir a esta linda praia de Portugal.

João de Buarcos

## Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

No penúltimo domingo de Julho fomos à Murtosa, insuflar naquele povo de marinheiros e emigrantes, a chama do Património dos Pobres. A Senhora D. Amélia de Castro Tavares de Sousa, ofereceu-nos um rico jantar e ainda por cima entregou um envelope com 100\$00 para a Conferência. Agora, uma carta: «Juntamente envio mais 20\$00 para os vossos pobres e queira fazer o favor de desculpar de ser tão pouco mas é de muita boa vontade. Fazendo hoje, dia 20, precisamente um mês que nos casamos, eu e meu marido enviamos esta importância pedindo a Deus para abençoar a nossa união e pedindo para que nos ajude a podermos contribuir com mais». Feliz começo! O assinante 6.597 dos Estados Unidos da América do Norte, 25\$00. Do Porto, Filomena Figueiredo Mota, 50\$00. E mais-10\$00 do assinante 15.710, também da Invicta. Para que Deus abençoe o meu primeiro netinho e Nossa Mãe. Maria Santíssima o proteja e lhe dê saúde, envio 50\$00 para a Conferência da Nossa Aldeia. Maria de Lourdes Oliveira da Beira, A. O. P., 210\$00. E, por fim, 30\$00 para a Conferência por alma de minha mãe. A todos um muito obrigado em nome dos nossos pobres.

Júlio Mendes

UMA CARTA — (Continuação da 3.ª página)

Pai Américo terminei, vai um bilhetinho pró Sérgio dentro da carta. Cumprimentos dos jornalheiros e da tropa felicitações e para mim antes de mais nada lance-me por favor a sua benção. Adeus.

José Ferreira  
Casa do Gaiato Paço de Sousa